

# O LIVRO DIDÁTICO E A FORMAÇÃO DO LEITOR

## THE TEXT BOOK AND THE READER FORMATION

Miguel Fecchio\*

FECCHIO, M. O livro didático e a formação do leitor. **Akrópolis**, Umuarama, v. 15, n. 1 e 2, p. 37-43, jan./jun. 2007.

**RESUMO:** Saber ler, hoje, não é mais privilégio de ninguém, mas direito de todos e a escola, como instituição encarregada de dar essa formação às pessoas, tem procurado desempenhar sua tarefa da maneira mais eficiente possível. A mudança do conceito de indivíduo alfabetizado para letrado exige das escolas um novo olhar sobre o cidadão que está sendo formado, porque ele não poderá ser mais um *ledor*, mas alguém capaz de interagir no meio em que vive de maneira eficiente. Quando se realizam testes para avaliação da competência leitora dos alunos, o resultado tem sido, a maioria das vezes, um fracasso. Sabendo-se que o livro didático muitas vezes é utilizado como material básico de leitura, através deste trabalho pretende-se lançar um olhar sobre o livro didático de Português utilizado em escolas de ensino médio de Cianorte.

**PALAVRAS-CHAVE:** Livro didático. Leitura. Compreensão leitora. Formação do leitor.

**ABSTRACT:** Knowing how to read, nowadays, is not a privilege of some but a right of all, and school, as an institution responsible for giving this formation to people, has been trying to play its part as effectively as possible. The conceptual change from the illiterate to the literate implies in the school having a new perspective towards the citizen to be formed as he will no longer be a reader, but someone capable of interacting effectively within its environment. When student reading competence assessments are carried out, the results are often unsuccessful. Considering the book is mostly used as a basic reading material, this article intends to take a glance over Portuguese text book used in secondary school in Cianorte.

**KEYWORDS:** Text book. Reading. Reading comprehension. Reader formation.

\*Professor da UNIPAR. Doutor em Ciência da Educação. Miguel@unipar.br

Recebido em junho/2007  
Aceito em julho/2007

## INTRODUÇÃO

O tema livro didático sempre esteve muito presente nas discussões acadêmicas. Sua validade, bem como seu uso, têm sido questionados em reuniões de professores, seminários, congressos. Há muitas obras que tratam especificamente do assunto, nas quais os autores procuram apresentar suas experiências docentes e até as experiências de colegas para que, através da troca de informações, não saia de evidência o estudo sobre a necessidade e importância desse material de apoio como ferramenta indispensável a muitos professores e tão utilizado pelo aluno em sala de aula e fora dela.

Há algum tempo, chegou-se a pensar que, em dias de hoje, o livro impresso perderia seu prestígio e que seu lugar seria assumido por novas formas de comunicar, mais ligadas às tecnologias inevitáveis para o futuro. O futuro chegou e realmente trouxe muitas novidades sendo, uma importantíssima: o computador. As facilidades por ele (o computador) apresentadas, especialmente pela capacidade de armazenar informações, pela agilidade para fornecer dados e notícias em tempo real, pela possibilidade de vencer barreiras de tempo e espaço.

Apesar dessas novidades, o livro impresso continua tendo seu lugar de prestígio em quase todos os ambientes e, em especial, nas escolas, nas mãos de alunos e professores. Sua presença é histórica. Seu lugar, por enquanto, insubstituível. A história escolar do indivíduo parecerá falsa, defeituosa, se nela não estiver presente o primeiro método, as folhas rabiscadas, desenhadas, os traços que ajudavam a chegar à casa da Mariazinha.

É desse material de apoio, especialmente pelo seu grande uso por alunos e professores do ensino médio, que se trata neste trabalho.

### Os sentidos da leitura

Até um passado mais recente, a leitura consistia no simples reconhecimento de letras, sílabas e palavras. As pessoas preocupavam-se com uma boa pronúncia ao ler, bloqueando, muitas vezes, seu entendimento sobre o conteúdo adquirido, ou seja, não saindo da primeira etapa do processo de leitura. Atualmente, ler não é simplesmente ter domínio de pronúncia. Hoje, necessariamente, o ato de ler extrapola os limites do que está impresso e penetra um sem-limites de conhecimentos.

O sentido de um texto constrói-se a partir da capacidade que o leitor tem de compor idéias, de criar novos sentidos, de imaginar e até de fazer ligações

inimagináveis, e que fluem como reação de busca e de produção de imagens. Isso leva a entender que “Ler é dar um sentido de conjunto, uma globalização e uma articulação aos sentidos produzidos pelas seqüências. Não é encontrar o sentido desejado pelo autor [...] Ler é, portanto, constituir e não reconstruir sentido.” (Goulemont, 1996, p. 107)

Uma grande alegria de quem vai para a escola é ter livro para estudar e uma das grandes preocupações do professor é poder indicar um bom livro para o aluno.

Emprende-se, hoje, muito esforço para a superação de um grande desafio: o ensino da arte de ler. E, para desempenhar essa tarefa, o livro didático tem sido indispensável.

No entanto, o que se tem notado até hoje é que o livro didático, na maioria das vezes, em determinado momento, ganha uma formatação considerada boa e se reproduz de maneira considerável seu modelo durante muito tempo, não passando de uma repetição sistematizada de formas em que o melhor modelo, geralmente, não tem saído da mesmice: apresentação de um texto para leitura seguido de alguns exercícios de interpretação que geralmente param na sua superfície; apresentação de tópicos de gramática; sugestão de temas para a produção textual.

Os conteúdos apresentados nos livros didáticos, de modo geral, não têm permitido a ampliação da visão de mundo do aluno porque, ao invés de fecharem a sua visão no momento do texto, que muitas vezes está num contexto totalmente diferente do real, com respostas prontas e imutáveis, deveriam levar o aluno à descoberta. Poderiam conter mais atividades que levassem ao raciocínio para fora das suas páginas, abrangendo situações reais do cotidiano, ou até interagindo com diferentes áreas de conhecimento.

A utilização do livro didático na formação do aluno-leitor deve ser sempre levada em consideração, por ser um bom instrumento de apoio do professor e da maioria dos alunos em grande parte das escolas, principalmente públicas.

### O livro didático

Há quem diga que se todos os manuais que pretendem ensinar leitura fossem abandonados e os professores procurassem utilizar materiais diversificados, os alunos poderiam ter um grande ganho no aprendizado. Assim sendo, o livro seria perfeitamente dispensável. Porém, para Bárbara Freitag (1997, p.128) e Fregonezi (1999, p.73), não

se pode prescindir do livro didático porque ele se configura material básico essencial para alunos e professores e que, se com ele o ensino no Brasil é sofrível, sem ele seria incontestavelmente pior.

É difícil pensar-se em uma escola que não utilize o livro didático pelo menos como elemento de apoio para o aprendizado da leitura e da escrita, propiciando papel importante para a prática de compreensão de textos.

Marisa Lajolo (1991,51-62) discute o mau uso que muitos professores fazem dos textos porque, ao invés de serem utilizados como elementos de suporte para discussões, formação de idéias, tomada de posições, muitas vezes são fragmentados em frases e/ou palavras, para exercitar a habilidade de montar, desmontar, classificar, definir categorias que muitas vezes não permitem um progresso superior, mas levam o aluno a uma ação mecânica de completar, dividir, marcar, enumerar, entre outros.

Essa atuação justifica-se, especialmente pelo fato de grande número de professores da atualidade terem recebido formação com essa metodologia, já que tal exercício se constituía em praticamente única forma de aprender e ensinar. Ainda se vive muito do reflexo do método de alfabetização indutivo, através da utilização de cartilhas que permaneceram no mercado por muito tempo.

Apesar de ter mudado de tempo para tempo, de lei para lei, de ter apresentado novas faces, a reestruturação do livro didático algumas vezes parece não ter alcançado o real objetivo de desenvolver nos alunos a capacidade de interagir no mundo em que vivem, porque seu conteúdo tem sido mais ideal do que real e, portanto, descontextualizado das situações do dia-a-dia do estudante.

A cada reformulação, ao mesmo tempo em que se destina ao aluno, não se pode negar que tem oferecido maiores facilidades ao professor para a execução de sua tarefa docente, por conta dos manuais especiais de sugestões e respostas que a estes têm sido oferecidos. Este fator, aliado à boa apresentação: ilustrações, cores, exercícios que não apresentam maior dificuldade como os com respostas do tipo complete, marque F ou V, siga o modelo, entre outros, pode ter influenciado a escolha para adoção por parte do professor.

Apesar de um discurso intensamente propalado sobre a possível dispensa do livro didático, geralmente as escolas e os professores o têm adotado e ele tem sido o principal material em uso para as atividades do dia-a-dia em sala de aula e fora dela.

A maneira de focalizar determinados assuntos, a diferente seleção de textos, a proposição de momentos para discussão e a indicação de produção escrita têm estado presentes nesses manuais, mas as leituras exigidas pelo mundo vão muito além daquela pouca variedade apresentada, geralmente calcadas em textos pré-selecionados e em lições de gramática que não mudam.

### Uma análise comparativa de dois títulos

Apenas para uma rápida análise sobre dois títulos diferentes utilizados em períodos diferentes, tomemos as obras:

1 - AMARAL, E. et al. Coleção Didática: Novas Palavras- literatura, gramática, redação. São Paulo, FTD, 1997.

2 - FARACO, C.A. Coleção Didática: Português; língua e cultura. Curitiba, Base, 2005.

No texto de abertura, ambos, de maneira bem sucinta (uma página), apresentam ao aluno o que deverão encontrar no estudo da Língua e Literatura. Pode-se dizer que essa apresentação traduz-se numa informação primária do que vai acontecer nas três séries do curso, já que a apresentação é a mesma para todas elas.

Amaral divide o material em 3 partes: 1- Literatura, 2- Gramática, 3- Redação e Leitura. Para cada uma apresenta, como introdução, um pequeno discurso sobre o que representa o estudo daquela atividade para o aluno. Destina um espaço (o maior) para a apresentação dos conteúdos de literatura, outro, pouco menor, para o estudo da gramática e, por fim, o mais reduzido, destinado aos conteúdos de Redação e Leitura.

Na primeira parte – literatura – procura falar sobre o assunto como uma possibilidade de “*sentir e pensar e não apenas de compreender, mas sobretudo de incorporar a presença da literatura em sua vida.*”

Palavras destacadas: *incorporar, compreender.*

Faraco propõe ao aluno “*Vamos percorrer juntos um grande roteiro da língua portuguesa. O objetivo maior é que você tenha a oportunidade de ampliar seu conhecimento sobre a nossa língua e, ao mesmo tempo, melhorar o domínio das atividades de leitura, escrita e fala.*”

Apresenta algumas frases de efeito para chamar a atenção do aluno como : “*... e para garantir sua eficácia (uso da língua) é importante adquirir um saber sobre este fantástico fenômeno que é a linguagem verbal, somado a um conjunto de reflexões sobre a própria língua portuguesa, percebendo*

*aspectos de sua organização estrutural e de seu funcionamento social.”*

Para estabelecer uma relação entre o formal que todo livro apresenta e o informal da fala cotidiana, utiliza expressões populares como : “ ... o sapato costuma apertar em dois pontos...” e “... para desapertar o sapato...”

Seu comentário inicial sobre a proposta do curso apresenta um discurso que procura não criar qualquer barreira entre o aluno e o material, mas que estabelece entre os dois uma simpatia muito grande e o aluno possa encará-lo como algo que lhe vai ser útil e que vai ajudá-lo muito no aprendizado da língua. Qualifica a língua como um fenômeno extraordinariamente bonito e fascinante. E termina explicitando todo o seu desejo: “*Nossa principal intenção aqui é que você se maravilhe com ela e se apaixone pelo seu estudo.*”

Apresenta em destaque as palavras: *prática, bonito, fascinante.*

Pode-se notar que o autor, desde as primeiras palavras, procura desmitificar algumas idéias negativas criadas em relação ao aprendizado da língua portuguesa. Procura levar o aluno a ter o desejo de buscá-la como instrumento necessário à sua vida e, ao mesmo tempo, como algo que vai proporcionar-lhe momentos de felicidade.

Denomina capítulos às unidades, entre as quais vai estabelecendo um elo de ligação procurando dar continuidade ao assunto.

O tema tratado no 1º capítulo é relacionado à crônica e tem o título HISTÓRIAS QUE A VIDA CONTA(1). Neste capítulo o autor apresenta três crônicas: Mar (Rubem Braga), Professor de Inglês (Cecília Meirelles), Pequenas Aprendizagens (Jamil Senege). Há uma variação entre quatro a cinco questões de encaminhamento de interpretação e discussão numa parte denominada Estudo do Texto. O autor aproveita espaços após o estudo do texto para apresentar informações sobre a estrutura desse tipo de texto.

A primeira mensagem de cada unidade serve como motivação para que o aluno se interesse pelo assunto que será tratado e, nela, coloca em destaque: *Se contar histórias (reais ou inventadas) é uma atividade que todos sabemos fazer bem na fala, podemos, então, aproveitar esta nossa habilidade como ponto de partida para aprimorar nossa prática de escrita.* Nota-se, desde o início do livro uma preocupação em levar o aluno a preparar-se para a realização da escrita, a maneira formal de produzir o discurso.

Após a apresentação dos textos e sugestões para a realização da prática da escrita, insere uma seção denominada DE OLHO NA LÍNGUA – com a finalidade de apresentar os elementos estruturais da língua: a conhecida gramática. Destaca os itens: enumeração, ortografia oficial, parágrafos, pontuação, reticências, dois pontos, parênteses. Para exercitar esta seção, busca exemplos dos textos nela contidos.

Termina o texto com uma seção denominada LEITURA LÚDICA, na qual apresenta o texto Natal, de Luiz Fernando Veríssimo, mais com a finalidade de levar o aluno à descontração ao final do capítulo.

O tema de que trata no capítulo 2 é uma seqüência do tratado no capítulo 1, tanto que é denominado HISTÓRIAS QUE A VIDA CONTA 2.

Continua fazendo uma abordagem da tipologia textual denominada crônica, mas, agora, apresenta outras informações que acha importantes, em forma de poesia.

A estrutura do capítulo apresenta também, num primeiro momento, dois textos: A casa da minha avó. (Danuza Leão); A casa do meu avô (Danusa Leão), em forma de prosa.

A seguir, apresenta os textos: O carnaval e o menino (Carlos Heitor Cony) e Restos do Carnaval (Clarice Lispector) ainda em forma de prosa. Desta vez, para enfatizar que autores diferentes podem tratar, em suas produções, do mesmo assunto.

Na seção denominada PRÁTICA DE ESCRITA, faz um primeiro convite para a prática da escrita.

Apresenta, ainda, mais duas crônicas, em forma de poesia, denominados Poema 1: Porquinho da Índia (Manoel Bandeira) e Poema 2: O circo O menino A vida (Mário Quintana). Ao final dessa seção, apresenta comentários e sugestões de exercícios.

Na seção intitulada CRÔNICAS EM LETRAS DE MÚSICA, apresenta a letra da canção “A primeira vez que eu fui ao Rio” (Renato Teixeira). Tece comentários e dá sugestões de exercícios como a transformação da letra da música em texto em prosa, ou relato de alguma história que a vida conta. O objetivo é levar o aluno a escrever.

Na sessão denominada DE OLHO NA LÍNGUA, apresenta informações sobre assuntos gramaticais: onde, pronomes e elipse, pretérito mais-que-perfeito, verbo haver (tempos) e chama a atenção para ASPECTOS GRÁFICOS abordando o uso de aspas, travessão, vírgula e dois pontos – neste fazendo uma ligação com estudos já realizados no capítulo anterior.

A análise destes dois capítulos já permite avaliar o seguinte: i) o autor Faraco apresenta maior número de textos e de diferentes tipologias. As informações sobre gramática e Literatura aparecem também muitas vezes com o corpo tradicional, mas com roupagem um pouco diferente.

Já a obra de Amaral mantém a forma de apresentação tradicional, dividindo o todo em partes: gramática, Literatura e Estudos de textos.

O que se pode inferir sobre tantas diferenças em duas obras que têm a mesma finalidade e tão diferente tratamento, de diferentes autores, em tão pequeno espaço de tempo: 1997 e 2005?

A resposta parece óbvia: o que se tem ensinado, da maneira que se tem ensinado, não tem surtido o resultado esperado: os alunos que participaram de testes não apresentaram boa competência leitora. Seriam os livros ruins? Não havia uma boa abordagem dos conteúdos apresentados? A compartimentalização estaria prejudicando o processo de aprendizado?

Certamente o que Faraco procura é realizar uma tentativa de aproximar da realidade dos exames aplicados hoje, o que a escola ensina e como a escola ensina.

### O Professor

Parece não haver dúvidas de que não há a sintonia necessária entre a competência leitora que o aluno adquire na escola e as necessidades de entendimento exigidas por um mundo que evolui num ritmo frenético. O mundo da comunicação é invadido pelos mais diferentes tipos de textos, que vão desde uma simples palavra-frase aos textos não-verbais ou com pouca utilização de linguagem escrita – especialmente estes – porque, além de conterem maior volume de informações, despertam a curiosidade do leitor pela forma como são produzidos. Os traços, as cores, as deformações das imagens com um tom caricato, levam os leitores a fazerem uma leitura rápida da mensagem sugerida, com a vantagem de que essa leitura não exige muito de seu tempo e nem do esforço requerido por qualquer leitura linear (PLATÃO E FIORIN, 1995. p. 371,372).

A linguagem utilizada na Internet muitas vezes já não é a mesma do dia-a-dia nas relações interpessoais de comunicação frente a frente. Há uma nova maneira de escrever e, por consequência, uma nova maneira de ler, porque pode estar havendo uma nova maneira de pensar, possivelmente mais econômica, mais rápida, mais significativa, especialmente para as pessoas de certa faixa etária.

Esse tipo de relacionamento para comunicação, utilizado preferencialmente pelos jovens, hoje passa a ser visto com simpatia e como uma nova alternativa até para as pessoas de mais idade, público do qual não se esperava tal tipo de comportamento.

A comunicação interpessoal evolui na mesma velocidade em que as informações precisam percorrer o trajeto entre emissor e receptor, surtindo os efeitos desejados para as diferentes finalidades a que se destina.

É anseio da sociedade que a escola, como aparelho competente para a formação de leitores, desenvolva a habilidade leitora dos alunos em sua plenitude. E essa formação deve ser oferecida da educação fundamental até o ensino médio, para poder continuar pelo resto da vida.

Professores de escolas públicas de Cianorte-Paraná (um grupo de nove), consultados sobre o novo livro (Faraco), dizem: *“Não mudou nada, talvez tenha piorado, mais uma prova de que a escola não pode depender do livro didático”*. *“O governo adotou um livro didático que não trouxe as literaturas na série inicial, isso se caracterizou como uma continuidade do que havia nos livros adotados até hoje pelos professores. Quando falamos em mudança, buscamos algo atual e mais amplo em todos os sentidos necessários ao ensino-aprendizagem”*. *“Na verdade não muda muita coisa, pois necessitamos de complementos através de vários materiais didáticos, para o nosso aluno adquirir segurança e desenvoltura no uso do português”*.

Embora um pouco inseguros, ainda, quanto à sua eficácia, pelo pouco tempo de utilização, percebem que, apesar de apresentar um outro formato, a mesmice está presente. Ainda descontentes, criticam os critérios empregados para a sua construção: *“Muito texto informativo, sem se preocupar com a literatura e os períodos literários; A distribuição dos conteúdos por série não corresponde ao esperado”*. *“Não contém os conteúdos de literatura e gramaticais próprios das séries do ensino médio.”* *“Apresentam lacunas, repetições nos três volumes, que era para ser compactado e não foi, parece-me que para dar oportunidade de ofertar a todos os alunos e não só ao 1º ano do ensino médio.”*

O manejo do livro didático pelo professor também é um problema que precisa de intensa vigilância; esse material não ajuda muito se o professor não se preocupa em conhecê-lo para melhor ensinar; se não procura apresentar diferentes tipos de atividades bem elaboradas e mais produtivas. Sem dúvida, a mudança do conceito de leitor exige

uma mudança de atitude do professor. Para que haja melhor resultado do trabalho com o livro didático, o professor precisa assumir uma postura também de pesquisador, buscando aprimorar-se e desenvolver novas formas de abordagem e de avaliação.

A tarefa de fazer funcionar essa engrenagem da aprendizagem e do letramento cabe ao professor, principal peça desse conjunto. O professor é aquele que abrirá as portas do conhecimento aos alunos, é ele que vai trabalhar o conteúdo do livro didático, é ele que aplicará os exercícios, que enfrentará as dificuldades, para depois colher os frutos de seu trabalho.

### **Se for equívoco deve ser eliminado**

O grande equívoco e, possivelmente, o fato gerador da discussão a respeito do livro didático, pode não estar na qualidade e na serventia do material em si, mas na importância que lhe é dada e como é feita sua utilização. Há que se entender que o livro didático sozinho não é suficiente para resolver o problema do aprendizado da leitura. Ele constitui apenas mais uma ferramenta a ser utilizada e não o único e indispensável meio de dominá-la. Uma ferramenta serve para ajudar a produzir, para preparar a montagem, para a realização de acabamentos, para chegar-se à melhor forma de apresentação de um trabalho em execução, porém, na individualidade, ela não é suficiente para oferecer um produto acabado e com qualidade.

Também as ferramentas têm que ser sempre reavaliadas e redefinidas com a mais criteriosa metodologia para que, como instrumento auxiliar para a produção, possa render o máximo. Porém, quando se discute essa questão, tendo como objeto o livro didático, pelo menos dois aspectos devem ser avaliados: o material em si e o modo como esteja sendo utilizado.

## **CONCLUSÃO**

Surgem novos livros. São novos? Essa ferramenta tão importante tem sido elaborada com os cuidados necessários que requer a formação de um leitor competente? O professor está consciente do novo conceito de leitura e de leitor e disposto a mudar sua maneira tradicional de ensinar essa atividade?

Toda avaliação de competências, em qualquer área, feitas por meio de testes em que o participante tenha que demonstrar o domínio de saberes, há necessidade de, antes de mais nada,

ter competência de estabelecer toda uma rede de conexão de conhecimentos alojados nas memórias de curto e longo prazo para utilizá-los naquele dado momento e da maneira mais eficiente possível. Esse tipo de teste muitas vezes se traduz em objeto de perversidade porque, além de buscar, nas situações mais complexas, aferir a capacidade de retenção de conhecimentos, ainda deve coadunar-se ao senso que o corretor faz de cada questão (neste caso, se forem subjetivas). Não se pode descartar também que os testes objetivos podem representar, ocasionalmente, uma maneira perversa de avaliar porque não raramente são preparados de maneira a confundir, complicar, dificultar o bom desempenho, mais que avaliar.

O fato de o governo ter realizado, em 2005, distribuição gratuita de pelo menos dois volumes – Português e Matemática – para o ensino médio, pode representar duas facetas diferentes para o professor. Por um lado, entender que o Estado está cumprindo sua função social de oferecer ao educando o material mínimo necessário para que desenvolva suas atividades discentes e, por outro, que sua vida esteja sendo facilitada, porque o livro didático oferecido pode ter resolvido de vez seus problemas com a falta de material para trabalhar em suas aulas.

Não se pode negar que a distribuição desse material a alunos de ensino médio representa uma importante colaboração. Contudo, o professor precisa estar ciente de que não poderá cair no comodismo quanto à pesquisa e deixar de buscar outras fontes de informação, porque agora todos os alunos terão um manual para seguir.

A escolha do livro didático, mais que um momento de sorte e euforia para os professores, deve ser interpretada como um momento de sérias e profundas reflexões sobre o material que estão escolhendo.

## **REFERÊNCIAS**

- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 15. ed. São Paulo: Hucitec. 1999.
- CHARTIER, R. (Org.). **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade. 1996.
- FECCHIO, M. **A influência da leitura no comportamento social do acadêmico da UNIPAR – Campus Cianorte**. 2001. 197 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2001.
- FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1991.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1994.

FREGONEZI, D. E. **Elementos de ensino de língua portuguesa**. São Paulo: Arte & Ciência, 1999.

FREITAG, B.; COSTA, W. F. da; MOLTA, V. R. **O livro didático em questão**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

GOULEMOT, J. M. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, R. (Org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

LAJOLO, M. O texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, R. (Org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

O ESTADO de São Paulo. **Estudantes brasileiros não entendem o que lêem**. 5 dez. 2001, p. a9.

PIAGET, J. **Psicologia e pedagogia**. São Paulo: Forense, 1998.

SAVIOLI, F. P.; FIORIN, J. L. **Para entender o texto**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1995.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: M. Fontes, 1998.

U N I V E R S I D A D E P A R A N A E N S E

PÓS-GRADUAÇÃO  
STRICTO SENSU

# MESTRADO EM SAÚDE COLETIVA

UNIPAR/UERJ (MINTER)

RECOMENDADO PELA CAPES



## PÚBLICO ALVO

Portadores de diploma de Curso Superior, outorgado por Instituição de Ensino Superior oficialmente reconhecida.

## ÁREA DE CONCENTRAÇÃO

Política, Planejamento e Administração de Saúde

## LINHAS DE PESQUISA

- **LINHA 01** – Formulação, Implementação e Avaliação de Políticas Públicas
- **LINHA 02** – Recursos Humanos e processo de Trabalho em Saúde
- **LINHA 03** – Avaliação Econômica do Complexo da Saúde
- **LINHA 04** – Dimensões das Práticas de Saúde: atores, contextos institucionais e relações com os saberes

## INSCRIÇÕES

De 02 a 31 de julho de 2007

## INFORMAÇÕES

[www.unipar.br](http://www.unipar.br)

Secretaria da Pós-Graduação *Stricto Sensu*

TEL: (44) 3621.2828 ramais 1350 e 1285

e-mail: [mestrado@unipar.br](mailto:mestrado@unipar.br)



CAPES

